

Ensino como missão

Com mais de 35 anos de experiência no ensino da matemática, o professor Fábio Tosta, 54, pode dizer com segurança que relacionar o ensino da disciplina ao cotidiano dos estudantes é a estratégia de maior sucesso. Nos jornais se trabalha porcentagens e numa exibição do filme *Interstellar*, as Leis de Newton, por exemplo.

Fábio dá aulas “desde que se entende por gente”, como se diz popularmente. É que ele começou a ensinar os vizinhos, ainda adolescente. Quando ingressou no curso de licenciatura na Universidade Católica de Brasília (UCB), também foi monitor de diversas disciplinas — física, química, ciências e matemática, é claro.

“Desde o início, eu queria fugir dos padrões tradicionais e envolver a matemática com situações do cotidiano, por meio de dinâmicas e brincadeiras. Usava o ginásio, quadras, ambientes com natureza, dava aulas no pátio”, elenca. Visitas à Água Mineral, ao Parque Nacional e a pontos históricos de Brasília também eram frequentemente incluídas nas aulas para estudantes da segunda fase do ensino fundamental. Afinal, como explicar geometria plana e espacial sem transitar por diferentes espaços tridimensionais?

Hoje, no Centro de Ensino Fundamental 3 de Taguatinga Sul,

quem caminha pelos corredores se surpreende, por exemplo, com os desenhos nas paredes. O giz deixa a lousa para ganhar um novo canva, em qualquer parte da unidade de ensino onde estiverem os alunos do professor Fábio, como também é carinhosamente chamado. E a liberdade de agir não significa bagunça: as aulas são cuidadosamente planejadas e distribuídas ao longo da semana. Duas a três aulas por semana são dedicadas à geometria, álgebra e aritmética. Os demais conteúdos se encaixam no restante do calendário semanal.

“Os professores reclamam da disciplina dos estudantes — isso acontece muito, em todas as escolas e níveis. O elemento fundamental para quebrar isso é o jeito didático das aulas, o tipo de experimentação que você vai levar praquela aula”, atesta Fábio, que além das especializações na área se interessou por estudar neurociência e neuroeducação com o objetivo de aprimorar as aulas para manter os estudantes mais motivados.

A experiência de mais de três décadas em 15 escolas e cursos preparatórios do Distrito Federal rendeu até livro com dicas para colegas de profissão: *Matemática no cotidiano — 120 formas de ensinar*

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Fábio Tosta engaja os alunos dos anos finais do ensino fundamental com atividades “mão na massa”

matemática de forma lúdica. A segunda obra está prestes a ser lançada. “Tenho um grande amor pela matemática, e isso me traz uma grande satisfação”, emociona-se Fábio, que inclusive, nasceu no Dia Nacional da Matemática, celebrado em 6 de maio.

A data homenageia Júlio César Mello de Souza, que escreveu, sob o pseudônimo Malba Tahan, o clássico *O homem que calculava*, e que é patrono da cadeira ocupada por Tosta na Academia Brasileira de Ciências, Arte, História e Licenciatura

(Abrasci). Em seu último ano como professor da rede pública, ele recebeu, na sexta-feira, o reconhecimento de Herói da Escola, concedido pelo proreitor Na Moral, do Ministério Público do DF e Territórios, título conquistado após a votação dos alunos.

Muito além do 1, 2, 3

A professora Suely da Silva Claudio, 40 anos, descobriu-se na matemática em 2018. À época ela já lecionava, mas foi quando se viu de volta à sala de aula como estudante e como formadora de professores que percebeu a necessidade de preencher lacunas e melhorar o próprio desempenho.

Suely atuava na Regional do Recanto das Emas quando foi convidada para formar professores no Alfaetrando. Na mesma época, procurou a especialização na área pelo Centro de Formação Continuada de Professores da Universidade de Brasília (Ceform/UnB),

onde encontrou inspiração na professora Raimunda Oliveira para melhorar a prática pedagógica. “Muitas vezes, até sabemos o que é preciso fazer, mas nos perdemos quando não há a teoria consolidada. Quando conseguimos fazer esse enlace com a teoria e a prática acabamos percebendo como alcançar as aprendizagens das crianças.”

Hoje, Suely trabalha no Centro de Educação Infantil de Ceilândia, onde é também supervisora pedagógica, e conta que descobriu na literatura a melhor forma de trabalhar o tratamento matemático com os estudantes. Uma das obras preferidas

para este fim é *O grande pêssego maduro*, que inspira conversas sobre qual animal é mais baixo e qual é mais alto, por exemplo. Material concreto, como coleções de tampinhas, brinquedos e situações problemas do cotidiano, como a simulação de uma ida ao supermercado também fazem parte desse repertório.

“Percebo que, quando oportunizamos vivências significativas e respeitamos a forma como elas constroem seus conhecimentos, favorecemos o desenvolvimento do pensamento lógico, da autonomia, da criatividade e da confiança para resolver desafios.”

Mariana Niederauer/CB/D.A. Press



Suely Claudio propõe brincadeiras e leituras para ensinar crianças